

# **APRESENTAÇÃO**

**por Emílio Carneiro Monteiro<sup>1</sup>**

Foi um grande prazer ser convidado a participar da edição do presente número da revista Espiritualidade Libertária, que se dedica ao tema *Evolução biológica & espiritualidade*. Trata-se de um tema rico e complexo, e que tem sido alvo de meu interesse desde o princípio de minha caminhada espiritual. Além disso – como veremos – trata-se de um tema permeado por supostas “contradições” e, até mesmo, hostilidade dentro de certos grupos religiosos.

Em primeiro lugar, poderia perguntar-se: por que buscar discutir acerca das ciências naturais em relação a espiritualidade e à mobilização libertária? E em particular a teoria evolutiva? Na atualidade a metodologia científica e o racionalismo tem ganhado um espaço e um *status* muito grande, mesmo entre pessoas leigas. Programas de TV estão repletos de “testes de DNA”, seriados policiais não mais retratam o policial “machão” bom de briga, mas as investigações da polícia científica; e mesmo séries de drama médico enfatizam o aspecto investigativo da medicina enquanto que o lado humano fica de lado. Por mais que não se entendam os procedimentos, a ciência passou a ter o ar de um júri último e definitivo em dizer “como as coisas são”. Neste sentido aquele que cultiva uma

---

<sup>1</sup> Emílio Carneiro Monteiro é biólogo e doutorando do Departamento de Genética e Biologia Evolutiva da Universidade de São Paulo (USP), e participa do Coletivo por uma Espiritualidade Libertária. Blog: <http://kleineherz.blogspot.com>; e-mail: [herbiliano@gmail.com](mailto:herbiliano@gmail.com).

espiritualidade libertária poderia ver a ciência como mais uma entidade – ainda que “amorfa” – tentando impor verdades. Particularmente a teoria evolutiva, que tem em seu passado a marca de ter sido sequestrada para justificar diversos fins políticos.

De fato, é precisamente por isso que é necessário abordar e discutir ciência: Qual é o seu papel, suas limitações, suas potencialidades, como se dá esta metodologia, o que ela pode nos dizer (e de fato nos tem dito) acerca do mundo que nos cerca e como isso influencia (ou não) a nossa espiritualidade. Encarar de frente esta sistematização metodológica de nosso conhecimento, buscar entender, e ver o que ela nos tem a dizer. Até por conta disso busquei deixar o tema da revista o mais amplo possível. No entanto, visto que boa parte da “controvérsia” divulgada pela mídia acerca de temas religiosos diz respeito ao campo da evolução, e que este tema toca em nossa própria identidade e origem, penso que uma discussão específica acerca da teoria, sem a qual “nada em biologia faz sentido”, fosse extremamente produtiva em um periódico como o Espiritualidade Libertária (para me valer da famosa frase de Theodozius Dobzansky e título de seu ensaio de 1973).

A síntese moderna da evolução é, atualmente, o alicerce de todo o campo da biologia moderna (cf. Gregory, 2007), e é aceito de forma unânime dentro da comunidade científica (cf. Pew Research Center, 2009). Primeiramente elaborada – de forma independente e quase que simultânea – pelos naturalistas Charles R. Darwin e Alfred Russel Wallace ela foi alvo de críticas por parte de figuras religiosas



quase que imediatamente. O exemplo mais notório de tal repúdio foi o debate público ocorrido em 1860 (apenas 1 ano após a publicação do livro *A origem das espécies*) em Oxford, entre o naturalista Thomas Huxley e o bispo anglicano Samuel Wilberforce (cf. Lucas, 1979). Não existe registro exato do ocorrido, mas a história tornou-se anedótica com o passar do tempo. Conta-se que durante a reunião anual da *British Association for the Advancement of Science*, em uma sessão em que a evolução estava sendo discutida, o bispo Wilberfoce (que também era naturalista e já havia publicado críticas a idéia de Darwin), levantou-se e começou a tecer seus argumentos – de forma bastante irônica, diz a história – contra a evolução. Por fim o bispo teria perguntado ao palestrante – Thomas Huxley – se “o seu parentesco com macacos era por parte de pai ou por parte de mãe”. Ao que Huxley retrucou:

se me perguntarem se eu prefiro ter um miserável macaco como avô ou um homem muito dotado pela natureza, que possui muitos meios e influência, e que no entanto emprega essas faculdades e essa influência apenas para introduzir o ridículo em uma séria discussão científica, eu afirmarei sem hesitar minha preferência pelo macaco. (*apud* Foskett, 1953)

Conta-se que a resposta causou grande comoção e uma mulher que desmaiou teve de ser retirada do recinto.

Mais de 150 anos se passaram desde o incidente em Oxford. De lá pra cá a teoria da evolução se estabeleceu definitivamente no

campo da biologia através de observações e testes independentes nos diferentes campos desta ciência. Dentro do cristianismo – particularmente – a maioria das denominações foram, ainda que lentamente, se abrindo à revisão científica. Em 1996, em um discurso para a academia pontifícia de ciências no Vaticano, o papa João Paulo II declarou a teoria evolutiva como sendo um fato e totalmente compatível com a fé católica. A maioria das denominações (incluindo as igrejas anglicana e episcopal), abraçou as novas informações trazidas pela evolução sem para isso julgar necessário se desfazer de seus princípios de fé (*cf.* Miller, 1999). Desde a época de Darwin, seu amigo e principal divulgador da teoria evolucionista nos EUA, o botânico Asa Gray, nunca abdicou da sua fé (ele era um presbiteriano) e defendia uma abordagem teísta à evolução (*cf.* Miles, 2001). De fato, mesmo anteriormente à teoria evolutiva muitos teólogos enfatizavam o sentido alegórico dos relatos da Criação em Gênesis, sem para isso, descartar tais relatos ou ignorar seu valor. Orígenes possuía uma interpretação alegórica para o livro de Gênesis; Agostinho de Hipona que escreveu sobre interpretações acerca dos primeiros capítulos de Gênesis, em especial o relato da Criação nos dois primeiros capítulos também se preocupava que os fiéis não se ativessem a interpretações fechadas acerca das origens, alertando especificamente que isso poderia trazer descrédito à fé cristã caso tais interpretações fossem refutadas. Sobre isso Alister McGrath escreve:

Agostinho argumenta que o primeiro relato sobre a Criação não pode ser interpretado isoladamente, mas



deve ser entendido ao longo da segunda parte, descrita em Gênesis 2.4-25, e também por qualquer outra narração sobre o tema nas Escrituras. Por exemplo, ele sugere que o Salmo 33.6-9 – cujo resumo é “Pois ele falou, e tudo se fez” – menciona a origem instantânea do mundo através da palavra criadora de Deus, enquanto o texto de João 5.17 (onde Jesus diz “meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também”) aponta que o Senhor ainda está agindo na Criação. Além disso, ele enfatiza que uma leitura detalhada dos primeiros textos bíblicos aponta que os seis dias da Criação não são períodos cronológicos delimitados, e sim, uma forma de categorizar o trabalho criador de Deus. Em síntese, Agostinho cria que o Senhor criou o mundo em um instante a partir de sua vontade, mas continua a moldá-lo, mesmo hoje em dia. (McGrath, 2010)

No campo da espiritualidade, alguns foram além de meramente coadunar suas respectivas visões religiosas com os desenvolvimentos científicos, mas passaram a celebrar os próprios desenvolvimentos científicos, encarando a evidência como uma forma de revelação divina. Alex Altorfer sintetiza bem as idéias de Dowd:

o reverendo Michael Dowd defende um feliz “casamento” entre a ciência e a religião. Em seu livro *Thank God for Evolution* [sem tradução para o português, mas o título significa *Graças a Deus pela Evolução*], Dowd advoga que é a própria ciência que proporciona a revelação definitiva para as religiões. Ele alega que as várias escrituras oferecem uma forma de “revelação particular”, metafórica e subjetiva, mas é a ciência que proporciona a “revelação pública” que as religiões realmente precisam. Dowd pertence ao movimento *Great Story* [*Grande História*], que defende a

visão científica das origens do universo e da vida como um novo mito de criação que pode complementar, e até mesmo substituir, os antigos mitos. Em *ThankGod for Evolution* Dowd diz que, “a Great Story integra suavemente a ciência, a religião, e as necessidades do mundo atual. Devido ao fato de as histórias de criação das religiões clássicas e povos nativos terem emergido bem antes da revelação de um Cosmo evolucionário, tais histórias veneráveis podem preencher seus potenciais de expressão dos éons apenas se as antigas cosmologias forem criativamente reinterpretadas, de forma a se mesclarem com os frutos da ciência de hoje. Em contrapartida, a Great Story emerge de uma consciência científica, e portanto evolui passo a passo com as novas descobertas e com as necessidades e desafios atuais. (Altofer, 2011, p. 20)

Ainda assim, apesar da ampla oportunidade para o diálogo, e para aprofundamento davisão de mundo, para a descoberta, para a investigação do Cosmos e de nosso lugar nele, e portanto para o desenvolvimento e a vivência espiritual. E apesar das diferentes linhas de pesquisa constatando de novo e de novo a realidade dos processos evolutivos, no meio religioso ainda temos ampla rejeição da teoria evolutiva. Uma pesquisa realizada com líderes evangélicos que participaram do Congresso de Lausanne em 2010, pela *Pew Forum on Religion and Public Life* continha uma questão sobre evolução. Foi constatado que entre líderes evangélicos ao redor do globo

47% rejeitam a idéia de evolução; 41% acreditam na noção de que Deus utiliza a evolução com o propósito de criar seres humanos e outros seres vivos; e apenas 3% acreditam que a vida humana evoluiu unicamente



por processos naturais. (*Pew Forumon Religion and Public Life*, 2011)

Especificamente no Brasil, uma matéria publicada em 2 de abril de 2010 na Folha de São Paulo<sup>2</sup> revelou que 25% dos entrevistados acreditam que o ser humano foi criado a partir de um ato sobrenatural há menos de 10 mil anos. Por que, a despeito dos avanços científicos, bem como da aceitação conformidade de comunidades e doutrinas religiosas, a teoria evolutiva continua a suscitar suspeita e a ser rejeitada, especificamente por grupos religiosos? Também está é uma questão muito importante e que se relaciona diretamente com o tema da Espiritualidade Libertária.

Segundo Michael Ruse, a suposta contróversia entre evolução e criacionismo claramente não gira em torno de ciência, e também não gira em torno de teologia. Antes trata-se de um embate entre modelos culturais diferentes:

Eu realmente não acredito que alguém fica acordado a noite se preocupando com o Archeopteryx [...] O grande debate gira em torno de: aborto, direitos dos homossexuais, pena capital, todos esses assuntos sociais. E eu creio que a evolução tenha se tornado uma “bandeira” para eles, como se ela representasse um “lado”; [...] O que me fascina quando eu leio material criacionista é que na metade do livro o assunto ‘evolução’ é colocado de lado e o autor começa a falar sobre aborto ou o declínio da civilização... (Ruse, 2009)

---

<sup>2</sup> Disponível na página: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u715507.shtml>.

De fato, Schünemann (2008) publicou uma excelente revisão sobre o papel do criacionismo dentro do fundamentalismo protestante. Ele chega a uma conclusão semelhante à de Ruse, de que o fundamentalismo (seja ele cristão, protestante ou proveniente de outra religião), se aproveita do criacionismo como uma “justificativa científica” para impor toda uma visão de mundo e uma interpretação particular (no caso do fundamentalismo cristão) para a Bíblia.

O “criacionismo científico” tem o papel de legitimar a visão de mundo fundamentalista como dados do próprio pensamento moderno. Ao dividir a ciência em verdadeira e falsa, os defensores do “criacionismo científico” procuram oferecer uma argumentação aos membros mais estudados e familiarizados com o conhecimento científico, o reconhecimento do valor da ciência. Não é a ciência em si que é perigosa, mas os cientistas ateus e materialistas que, por rejeitarem a verdade bíblica, ficam confusos ao interpretar os dados da natureza. Se considerarmos que dentro da visão fundamentalista a noção de pecado é muito forte, podemos compreender a plausibilidade da argumentação acima, pois, na medida em que a pessoa não está direcionada por Deus em sua vida, ela está em pecado e sua compreensão da verdade também fica prejudicada.

O “criacionismo científico” é visto pelos fundamentalistas como uma ferramenta indispensável para auxiliar os membros, em especial os que têm formação universitária, a manterem-se firmes na fé e a defenderem-na em ambientes hostis àquilo que consideram a verdade bíblica. (*ibidem*)



Sendo assim, penso que o tema *Evolução biológica & espiritualidade* seja extremamente profícuo dentro do contexto de uma espiritualidade libertária. Uma espiritualidade que busque crescer e se desenvolver atenta para a forma com que percebemos o universo, e pronta a questionar os limites e possibilidades de tal percepção.

Aproveitem!

## Referências bibliográficas

- ALTOFER, A. (2011), *Ciência e religião, divórcio ou casamento?* Disponível na página: <http://bulevoador.haaan.com/2011/03/21315/>.
- DOBZANSKY, T. (s/d), *Nothing in Biology Makes Sense Except in the Light of Evolution*. American Biology Teacher, v. 35, pp. 125-129. Disponível na página: [http://www.pbs.org/wgbh/evolution/library/10/2/text\\_pop/l\\_102\\_01.html](http://www.pbs.org/wgbh/evolution/library/10/2/text_pop/l_102_01.html).
- FOSKETT, D. J. (1953), *Wilberforce and Huxley on Evolution*. Nature, v. 172, p. 920.
- GREGORY, R. T. (2007), *Evolution as Fact, Theory, and Path Evolution*. Education and Outreach, v. 1, pp. 46-52.
- LUCAS, J. R. (1979), *Wilberfoce and Huxley: a legendary encounter*. The Historical Journal, v. 22, n. 2, pp. 313-330.
- MCGRATH, A. (2010), *A origem das espécies segundo Agostinho. Cristianismo Hoje*. Disponível na página: [http://www.cristianismohoje.com.br/interna.php?id\\_conteudo=648](http://www.cristianismohoje.com.br/interna.php?id_conteudo=648).
- MILES, S. J. (2001), *Charles Darwin and Asa Gray Discuss Teleology and Design*. PSCF, v. 53, pp. 196-201. Disponível na página: <http://www.asa3.org/ASA/PSCF/2001/PSCF9-01Miles.html>.
- MILLER, K. (1999), *Finding Darwin's God: A scientist search for common ground between God and Evolution*. pp 170-191.

PEW RESEARCH CENTER. (2009), *Scientific Achievements Less Prominent Than a Decade Ago 2009*. Disponível na página: <http://people-press.org/reports/pdf/528.pdf>.

PEW FORUM ON RELIGION AND PUBLIC LIFE. (2011), *Global Survey of Evangelical Protestant Leaders*. Disponível na página: <http://pewforum.org/Christian/Evangelical-Protestant-Churches/Global-Survey-of-Evangelical-Protestant-Leaders.aspx>.

RUSE, M. (2009), *Palestra de Michael Ruse para a Universidade de Sydney*. Disponível na página: [http://fora.tv/2009/02/17/Michael\\_Ruse\\_on\\_Darwinism](http://fora.tv/2009/02/17/Michael_Ruse_on_Darwinism).

SCHÜNEMANN, H. E. S. (2008), *O papel do “criacionismo científico” no fundamentalismo protestante*. In: Estudos da Religião, ano XXII, n. 35, pp. 64-86. Disponível na página: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/viewFile/173/183>.